6.º ANO — LISBOA—TERÇA-FEIRA, 13 DE JULHO DE 1926 — N.º 1616

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Boza, 57, 2. Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

LEON Daudet, celebrando o apparecimento do livro sensacional de Ali-Bab—*Gastronomie Pratique*, que supõe superior á *Physiologie du Goût*, de Brillat-Savarin, proclama esta verdade:

—"Ha uma aliança subtil e certa, entre o estilo e a mesa, entre a garrafa e o tinteiro.„

Em linguagem corrente, isto significa que um bom escritor tem que saber comer e beber—ser um bom garfo e um bom copo.

A prosa de Daudet—sanguinea, impetuosa, faiscante e irreverente—denuncia imediatamente um francês que traz na fantasia e no coração o sol da Provença—e tambem conhece o gosto dos vinhos que se sagraram nas velhas abadias e o sabor da prodigiosa *bouillabaisse*, que, em Martigues, se cosinha e sublima.

Fialho d'Almeida, que viveu exilado no Café Martinho, durante alguns anos de talento e jejum, compreendeu um dia que a musa dos nossos liricos fenecia, por falta de viveres.

E disse-lhes:

—"Rapazes, antes de trabalhar o verso, é necessario criar musculo: comei excelentes bifes e ofertai o vosso amor ás lindas morenas de Portugal!„

Provavelmente, não o escutaram: os bons conselhos caem sempre em cesto rôto.

Fialho apreciava, sobretudo, as receitas de bacalhau, conhecendo sessenta, segundo se diz.

Daudet é um gastronomo—um artista, portanto.

Os seus artigos da *Action Française*, bem como as paginas nutridas e capitosas dos seus livros, provam as maravilhas duma cozinha sem igual e as reservas preciosas duma cave.

Como Portugal é um pais vinicola, onde se preparam varios pratos dignos da mesa dos deuses, ousamos convidar a mocidade portuguesa a reentrar nas tradições da raça, comendo e bebendo com apetite, inspiração e um pontinha de delirio.

* * *

A AGENCIA Havas, prosseguindo no seu programa de desenvolvimento, acaba de abrir três novas sucursais em Cannes, Avignon e Besançon.

Assim se realiza, duma forma metodica, a obra empreendida pela direcção da Agencia Havas. Esta importante agencia é actualmente representada por 38 Agencias em França e numerosas sucursais no estrangeiro.

A Imprensa, o Comercio, a Industria não podem deixar de se felicitar por esta extensão, que faz da Agencia Havas a mais poderosa organização de publicidade existente, não somente em França, mas em todo o mundo.

* * *

PODE-SE classificar de aflitiva a situação dos funcionarios do Municipio, que, até á data, ainda não receberam os seus vencimentos do mez de junho.

Impôr a miseria em tantos lares, qualquer que seja a razão, é a maior das deshumanidades.

Cinerarias

A Republica, em Portugal, é um assombro de resistencia, dada a tendencia dos republicanos para cada qual a fazer á sua imagem e semelhança.

Nós não podemos ser incluidos no numero dos povos criadores, porque a nossa fantasia não repousa na febre de conceber quimeras informes.

Como a imaginação desconhece lei ou disciplina, comprazemo-nos na anarquia—a anarquia lirica, épica, fatalista e vagabunda que tanto apraz aos povos que só falam á sua alma quando esta, como os pedintes, pede esmola nas estradas.

Um distinto medico que, ás vezes, eleva a ironia a uma forma suprema da crueldade, disse a um amigo seu, quando este o interrogava sobre a maneira de vencer a treva mental em que naufraga o genio e a loucura, irmanados na mesma sorte, em terra portuguesa:

—"Eu por mim entendo que Portugal só se salva, no caso de obrigar os seus seis milhões de habitantes a uma ignorancia simples e campesina.„

Porque é que a crença nas revoluções se mantem firme e ardida nos animos de tantos homens irasciveis?

Dizia Bacon que a meia sciencia afasta de Deus...

Em politica, verifica-se o mesmo caso: o jacobinismo, que é a inversão total da experiencia e do bom senso, vive na espectativa do milagre.

As paixões mostram-se inconciliaveis com a serena apreciação dos factos e com a previsão dos acontecimentos.

O homem violento que crê sugeitar ao seu dominio, ao tenebroso fogo do seu fanatismo, a sociedade e o poder que a rege, não passa dum provocador de catastrofes.

Não ha revolução nenhuma capaz de fazer esquecer qualquer das elementares verdades que constituem o nosso patrimonio espiritual. Seja a ferro, seja a fogo, nunca será possivel transformar a indole duma nação, impondo-lhe o jugo de principios que repugnam á sua consciencia.

Se a Republica se mantem de pé e cada vez mais unida ás nossas aspirações, deve-se isso, principalmente, ao sopro ardente de fé que a vinculou á dedicação da gente humilde.

Os de cima imaginam para seu uso e proveito um regime que seja o balcão das suas conveniencias e interesses.

Servem-se da revolução como os antigos feudais das investidas nocturnas dos seus cavaleiros — contra o castelo do seu visinho e inimigo.

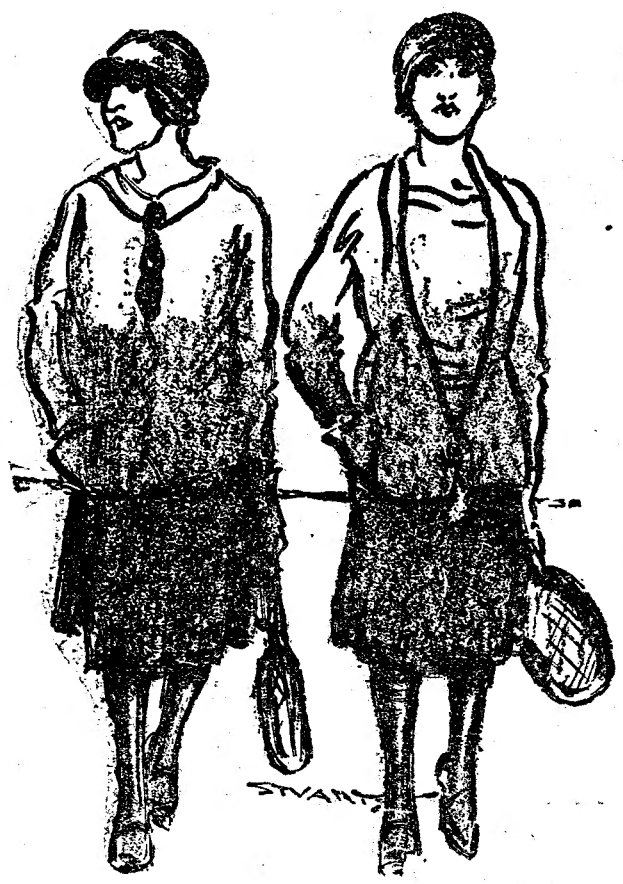
Passados são quinze anos depois do 5 de outubro, ainda não aprendemos a governar, achando preferivel conspirar.

Se o Exercito quere servir o pais, mas a valer, só lhe resta este caminho:

"Unir-se para salvar a Patria, e salvar a Patria, repondo o dever acima do capricho e fazendo da ordem o triunfo da justiça.„

De revolução em revolução, chegaremos ao nada. O pão conquista-se com o esforço honrado do corpo e do espirito. Haverá alguem que ouse afirmar que a má politica não é contraria ás boas colheitas?

A MULHER E O "SPORT„



—Não sei se é por causa do „tennis„. A verdade é que ando „neuras-tenisada„...

A FRANÇA nomeou uma comissão de peritos financeiros para apresentar o plano economico mais conveniente ás circunstancias. Além de outras medidas, esses entendidos propozeram a abolição dos direitos de transmissão de pais para filhos.

Cá, tambem, ha tempo, foi anunciada uma identica providencia e o actual ministro das Finanças, espirito tão esclarecido como empreendedor dos casos justos e importantes, por certo não deixará de ponderar a materia.

Basta citar apenas um aspecto do problema: só ao fisco os menores têm de pagar 5 °|. do valor dos titulos que porventura herdem, quer eles dêem rendimento ou não e pela cotação da Bolsa ao dia do falecimento, valor sujeito a todas as contingencias da jogatina. Pode esse valor ter descido ao maximo, ou mesmo desaparecido, que inexoravelmente o fisco só quere receber, sem se importar com as baixas. Mesmo até se os tiver de vender para pagar, sucederlhe-ha vender por duzentos e pagar á razão de quatrocentos...

Nos casos mais correntes, os menores, que têm de viver do rendimento da herança, são forçados a pagar ao Estado impostos que absorvem o rendimento desses titulos durante quasi dois anos.

Afóra o resto.

Onde está a lei da familia?

Só o fisco existe para conservar tudo... para seu poder.

* * *

A CENSURA impediu que o nosso jornal publicasse ontem a "nota oficiosa„ do conselho de ministros, que outros jornais da tarde inseriram—sem que os censores lhe opuzessem o seu veto.

Procurando informar-nos do motivo por que se adoptava para comnosco um tratamento especial, responderam-nos que o censor que tinha visado umas provas não era o mesmo que visou as outras.

Quere dizer: cada censor tem o seu criterio e nós estamos á mercê do primeiro a quem apraz cortar a propria prosa ministerial.

Ainda ontem o chefe do governo declarou que tinha dado instruções para suavisar a censura.

Realmente, como se depreende de alguns factos que temos apontado, ela continua a ser feita—com toda a suavidade.

* * *

DA redação do jornal *A Revolução Nacional* recebemos um protesto contra a situação em que se encontra—não pode publicar-se, porque a isso se opõe a vontade de quem quere mandar mais que a lei de imprensa.

Hoje, todo o seu pessoal—redacção, administração e composição—foi em massa ao sr. presidente do Ministerio, a fim de pedir providencias.

O *Diario de Lisboa*, que não conserva resentimentos quando se trata de defender causas justas, põe-se ao lado dos reclamantes.

A musica

Salão do Conservatorio

Fechou mais um brilhante ciclo de concertos a Sociedade Nacional de Musica de Camara, a cujo rasgado espirito de iniciativa a musica portuguesa tanto deve.

O joven pianista José Rosenstock, discipulo de Rey Colaço, abriu o programa com a sonata de Liszt, uma das obras maximas da literatura de piano, a que deu uma interpretação soberba. A sr.ª D. Ema Barbosa, discipula de Luís Barbosa, e o sr. Ruy Monteiro de Carvalho, executaram com brilho o concerto, para dois violinos de Bach. A sr.ª D. Fernanda Trigo de Brito, uma das nossas melhores cantoras, deu, com a sua formosa e distinta voz e encantadora dicção, intenso relêvo a trechos de Massenet, Joaquim Nin e Paradés, terminando o concerto, com a primeira audição em Portugal, do trio de Bossi, de que foram interpretes brilhantes D. Sofia de Brito Freire Saldanha, D. Elisa Reis e D. Iréne Diniz.

L. F. B.

Lomelino Silva

Sabemos que o insigne tenor português Lomelino Silva, que ha bastante tempo se encontra em Londres, onde tem realisado diversas audições com um exito brilhante, foi contratado pela mais importante companhia de gramofones, a "His Master Vocce„ para a impressão de numerosos discos com trechos de diversas operas e de muitas romanzas portuguesas.

Trechos de operas cantou, entre outros, "Questa o quela„ e "La Donna é Mobile„ do "Rigoleto„; "Donna Non Vidi Mai„ e "Recondita Harmonia„ da "Tosca„; "Lamento de Frederico„ de F. Gilea; "Porque Duvidas Tu„ de Keil.

Romanzas portuguesas, cantou:

"A Vindima„, "As Cotovias„, "Amendoeiras„, "Rouxinol„, "Guitarrada„, "Mãesinha„ e "Papoulas„, de Sarti; "As Pombas„ de Fernando Moutinho; "Carta da Aldeia„ de Coutinho de Oliveira; "Para as raparigas de Coimbra„ e "Canção Perdida„ de Tomás de Lima; "Fado de Ruy Coelho„ e fados da "Granja„ e "Das Romarias„ de Menano.

Sabemos ainda que Lomelino Silva foi convidado para, no proximo dia 16 de julho, cantar no salão de concertos da poderosa estação emissora de Londres, Wireless, devendo a emissão começar ás 16 horas e 45 minutos. Ai fica o aviso aos amadores deste genero de concertos e aos admiradores do distinto tenor português, que lá fóra se não tem esquecido de honrar a musica nacional.

O que é de estranhar é que, emquanto os estrangeiros lá fóra prestam justiça aos nossos artistas, consagrando-os como merecem e como agora sucede ao tenor Lomelino Silva, cá dentro nem sempre os tratemos com o devido carinho, acolhendo-os por via de regra com frieza e com reserva.

Oxalá que aqueles a quem competir não se esqueçam de incluir o nome do brilhante artista no elenco da proxima época lirica de S. Carlos.

PALACE HOTEL DO BUSSACO

Pensões completas desde 45 escudos

Desde 1 de Julho grande orchestra sob a direcção do distinto violinista Paulo Manso.

PALACE HOTEL DA CURIA

Instalações grandiosas

Pensões completas desde 35 escudos

Desde 1 de Julho orchestra permanente exclusiva do Hotel sob a direcção do professor violinista Almeida Cruz.

HOTEL ASTORIA DE COIMBRA

Instalações modelares

Ascensor, Telefones, Aquecimento

Appartamants completos

Thé Dancing da moda ás quartas-feiras

Informações e reserva de aposentos

Rocio, 108, 2.º

A MUSICA

O Conservatorio de Musica do Porto

Sr. director:—Só a muita consideração que devo ao querido e brilhante *Diario de Lisboa* me obriga a responder á carta vinda a lume, com a epigrafe acima, ha dois dias, nestas mesmas laudas—e na qual sou visado, em termos que criaturas civilisadas repudiariam. A forma como essa carta está escrita—eloquente documento dum puro cabotinismo—é a melhor prova de falta de aprumo, seriedade e correcção de que falei no *suelto* que deu margem a este incidente. A carta define os seus autores... Pessoas bem educadas e sobretudo as que exerçam o professorado devem defender-se e justificar, abertamente é certo, mas sempre dentro das normas da boa educação. Que má impressão deve causar ás pessoas de bom senso o facto de criaturas de elevada posição social e com uma missão educativa discutirem em linguagem de colarejal!

Dizem os meus conspicuos correspondentes que a população desta cidade não ignora que eu sou 2.º sargento, empregado bancario e pessoa sem cotação intelectual de especie alguma. (E' um velho habito de muita gentinha julgar só intelectuaes aqueles que lhe tecem elogios. . .) Então a população do Porto—duzentas mil almas — conhece-me sob esses trez aspectos?! Nunca supuz que fosse tão larga a minha popularidade. . .

Mas vamos por partes:—não sou 2.º sargento, o que não me deslustraria, mas sim fui 2.º sargento miliciano—e miliciano por expressa declaração minha—numa epoca, como era a da guerra, em que tal situação só enobrecia e honrava: procuro, fóra das lides da imprensa, ganhar a vida, pois em Portugal são poucos os jornalistas—e eu considero-me jornalista, porque assim me permite a minha "Carteira de Identidade de Profissional da Imprensa„, legitimamente conquistada—que vivem exclusivamente do jornalismo; agora com respeito á minha "cotação intelectual„ não me cumpre refutar essa estulta afirmação—bastando dizer, porém, em publico e razo, que ilustres escritores, jornalistas e criticos como, entre outros, dr. Aarão de Lacerda, dr. Jorge de Faria, D. Emilia de Sousa Costa, D. Fernanda de Castro, D. Oliva Guerra, dr. Sousa Costa, Antonio Ferro, dr. Campos Monteiro, Alvaro de Andrade, dr. Joaquim Costa, Alfredo Pinto (Sacavem), Delfim Guimarães e Silva Tavares, que artistas — primeiras figuras do nosso teatro,— como D. Lucinda e D. Lucilia Simões, D. Amelia Rey Colaço e muitos outros de ambos os sexos e que figuras de destaque no meio musical como o grande professor e pianista sr. Luiz Costa me têm dado as mais manifestas provas de consideração, que muito me desvanecem.

Estão sacudidos os insultos—e o que interessa tudo isso á questão?—mas ainda não quero deixar de lamentar a insinuação torpe que é feita á prestigiosa classe dos sargentos e, consequentemente. a todos os militares em geral, negando-lhes capacidade intelectual.

Com respeito ao meu "suelto„ devo declarar que não acusei os professores do Conservatorio de Musica do Porto de serem indignos e imorais no uso das suas obrigações, como parece depreender-se da desorientada carta dos mesmos professores. Eu disse que o nosso Conservatorio precisava duma radical reforma, ou seja umas instalações dignas, que evitem aquele mau aspecto de pessoas pelas escadas e pelos corredores, em noites de concertos, e que dê a este estabelecimento de ensino todas as coisas de que ele necessita. Disse tambem que certos professores "fazem do seu lugar um campo de distração e não mantêm o aprumo, a seriedade e a correcção exigidas em cargos que demandam disciplina...„ E com isto—afirmo-o porque tenho consciencia—, repito, não os quiz acusar de indignos e imorais. Mas não será falta de aprumo, de seriedade, de correcção e quebra de disciplina, distrair os alunos, em que ha meninas, com ironias, com conversas sôbre dansas, dizer-lhes "abra o casaco para vêr o vestido„, levar uma palmatoria para, de brincadeira, dar bolos? Bem sei que estas coisas e outras de igual jaez não são imorais—nem eu nunca pensei isso ao referir-me ao assunto—, mas são impropias do lugar e, sobretudo, onde ha alunos que não são positivamente umas crianças. Era isto a que me queria referir—como o sabem alguns colegas jornalistas do Porto—e nunca pretendi difamar o Conservatorio, onde ha professores de valor e cujo director, como professor e artista, merece a minha maior admiração—que continua no mesmo grau, apesar da carta que ele subscreveu, e que me confrangeu, unica e exclusivamente, por vêr afundarem-se em ridiculo e incivilidade criaturas que têm a obrigação de manter, em todas as fases das suas vidas, uma inquebrantavel linha de diplomacia. Eu, como uso gravata e colarinho, e como tomei chá em pequeno, era incapaz de escrever tal carta...

Ponho aqui, meu ilustre director, os "pontos nos i„—porque gostei sempre de render culto á verdade, e para lhe mostrar que nunca abusei da hospitalidade—que já data de ha mais dum ano—que tão galhardamente me foi dada no scintilante *Diario de Lisboa*.

Sôbre a incompetencia de alguns professores—alguns dos quais tenho visto, em épocas balneares, tocar piano em cinemas de praia e tenho visto aqui no Porto. durante todo o ano, constituidos em elementos de segundas partes de orquestras. mesmo de companhias de revista... — nada me cumpre dizer agora, pois não me consta que os professores do Conservatorio tenham protestado quando, ha pouco ainda, um semanario local deu a mais publica prova da incompetencia dum certo professor do Conservatorio—critico de arte que adormece profundamente em todos os espectaculos, bonifrate indispensavel, para a galhofa, em todas as reuniões—publicando-lhe a vera efigie com umas descomunais orelhas proprias dum representante da raça asinina...

Eduardo dos Santos (Edurisa)

Sarolea

Motos ligeiras de 3,5 e 5 H P

MODELOS TOURISTE E SUPER SPORT EM EXPOSIÇAO NO STAND DOS REPRESENTES

W. CASAES & Ca., LIMITADA

R. da Palma. 185 a 189—Lisboa

TELEFONE N. 5571

SAPATARIA CONTENTE, LTD.ª

CALÇADOS CHICS

ULTIMOS MODELOS

Rua do Carmo, 74 Telf. 5359 N.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Calhariz de Bemfica, Condessa de Castro, D. Maria Joana de Lencastre Costa, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Maria Isabel dos Reis Machado, D. Margarida Queriol Macieira, D. Maria Francisca Freire Cabral de Vasconcelos e D. Maria Tereza Van-Zeler Guedes.

E os srs.:

Barão de Cadero, Francisco de Mascarenhas Gentil, Luiz José Cardoso de Menezes.

—Faz hoje anos a sr.ª D. Mariana Vieira Pinto Barbosa, esposa do nosso querido amigo sr. dr. Manoel Barbosa.

—Faz hoje anos o sr. Jacintho de Mendonça Freire.

Casamentos

Pela sr.ª D. Maria Joaquina Dias Dourado, foi pedida em casamento para seu filho Jaime, a sr.ª D. Valentina Bravo Roldan, gentilissima filha da sr.ª D. Felicidade Bravo Gomes Roldan e do engenheiro de minas, sr. Manuel Roldan y Pego.

O casamento deverá realisar-se muito em breve.

—Pelos srs, Eduardo da Rocha Leite e Felisberto de Moura Monteiro, foi pedida em casamento para seu filho e sobrinho, sr. dr. Antonio Pinto de Oliveira da Rocha Leite, a sr.ª D. Ignez Chambers Tasso de Sousa, interessante filha da sr.ª D. Olinda Chambers Tasso de Sousa e do sr. Serafim Tasso Ferreira de Sousa.

A ceremonia realisa-se brevemente.

—Na Quinta das Areis, residencia da familia Palha Blanco, na capela particular do palacio realizou-se o casamento da sr.ª D. Clotilde do Rego Brandão da Fonseca Magalhães, com o sr. dr. Luis Antonio Vieira da Camara de Magalhães e Vasconcelos, IV Barão de Alvaiazere.

Os noivos invocaram por madrinha Nossa Senhora do Rosario da Fatima, tendo patriocinado o acto por parte da noiva a sr.ª D. Maria do Carmo Palha Blanco e o sr. José Pereira Palha Blanco e por parte do noivo seus pais os srs. Barões de Alvaizere.

Ao casamento seguiu-se a missa, celebrada pelo rev. prior da Castanheira, amigo da familia Palha Blanco, ouvindo-se ao findar a cerimonia a linda marcha nupcial de Grieg, executada primorosamente pela sr.ª D. Margarida Andressen da Costa.

Em seguida foi servida na sala de refeições um finissimo «lunch», findo o qual os noivos partiram para a quinta dos Fidalgos, gentilmente cedida pelo seu proprietario sr. José Cyrne de Sousa Madureira, onde os noivos passam a lua de mel, fixando a sua residencia em Ourem.

Na «corbeilhe» viam-se lindas e ricas prendas.

De viagem

Com sua esposa e gentis filhas seguiu para Paris, donde parte no fim do mez para Londres o sr. José Baltasar Freire.

—Regressou do norte, com sua familia, o sr. Carlos de Ortigão Lemos.

—Acompanhado de sua esposa, segue brevemente para Cintra, onde vai passar a epoca de vérão, o sr. dr. Custodio de Aguiar.

—Segue brevemente para as Pedras Salgadas o sr. dr. Jeronimo Martins.

—Regressou do estrangeiro o sr. José Martins Castelo Lopes.

—Deve regressar por estes dias á sua casa em Viana do Castelo, o sr. José de Cerqueira.

—E' esperado brevemente da Madeira, com sua familia, o sr. dr. Sebastião de Seixas.

—Acompanhado de sua gentilissima filha D. Maria Carolina, parte por estes dias para Royat, onde vai fazer tratamento, o sr. José Ferreira de Azevedo Amado.

—Encontra-se em Vizeu o sr. D. Antonio Teles da Sylva (Tarouca).

—Partiu para Paris o sr. Mario Mendes da Costa.

—Regressou a Rezende o sr. Vasco José Osorio de Castro Teixeira de Magalhães.

—Seguiu para Vila Verde o sr. Bernardino Avelino de Sousa.

Doentes

Retirou da Casa de Saude de Bemfica, completamente restabelecido, o sr. Fernando Campos.

Ampliações

de photographias de qualquer genero, é a PHOTOGRAPHIA BRASIL quem melhor as executa

R. da Escola Politecnica, 141

Pela 1.ª Vara Comercial de Lisboa e nos termos do artigo 931 do Codigo do Processo Civil, correm editos de dez dias citando os credores que pretenderem deduzir preferencias á quantia de 4.086$52, saldo da quantia de 9.603$74, que foi depositada na Caixa Geral de Depositos, em 7 de Janeiro de 1926, no processo de execução em que foi exequente Etelvina Ramiro e executados Alfredo Carvalho, Manuel Salvador e José Jeronimo, que foi penhorada para pagamento de selos e custas que o Ministerio Publico move contra José Jeronimo.

Lisboa, 28 de Junho de 1926.

O Escrivão, da 1.ª Vara Comercial,

Daniel de Mattos

Verifiquei: O Juiz Presidente,

J, Sampaio

LA KABILINE

para tingir em casa

NOVIDADES LITERARIAS

"A peregrina do mundo novo,,

é o titulo da nova novela

de Ferreira de Castro

da qual se transcreve

parte dum capitulo

O genero literario tão facil—e por isso mesmo tão contingente—da novela, encontra em Portugal alguns cultores interessantes.

A novela, colocada entre o romance e o conto, oferece tentações a todos os que começam. Talvez porque se julgue que a novela, trivialisada, quasi diremos banalisada, é maneira pouco á altura dos talentos consagrados—os grandes nomes deixam a novela para os ensaios dos plumitivos. Ha aqui um erro.

Este genero não se distingue do romance, senão pelo seu espirito, mais agil, mais vivo, menos carrancudo de formulas; mas não dispensa primores de linguagem, elegancia de recorte. emoção e, sobretudo, claresa.

A novela é o mundo moderno, ainda que talhado, e quanto mais melhor, em alma antiga.

Dos moços escritores que se entregam á factura da novela séria, está em marcante fórma o jornalista Ferreira de Castro, que acaba de publicar uma obra, digna de atenção, intitulada "A Peregrina do Mundo Novo,,.

E' um trabalho que fica bem na bagagem do autor, e lhe indica um caminho seguro. Para honrar, sem favor, o autor, não queremos atribuir-lhe adjectivos gratuitos. Por isso não classificaremos, como aliás seria comodo e facil, o seu livro de notavel. Mas está longe de ser trivial. As suas figuras, em regra delicadas na tessitura literaria, servida por uma fórma, senão original, pelo menos independente—são traçadas com mão que virá a ser de Mestre. Ha nesta novela, que merece uma leitura tranquila, sem intenção de rigoroso comentario, muita beleza, certo espirito gracioso e desempoeirado, uma revolta mesmo, contra o romance primitivo, duro e piegas, ainda que no romance continuem a caber todas as explosões do sentimento e todas as aragens da literatura moderna.

"A Peregrina do Mundo Novo,, se tem ingenuidades, possue alguma cousa da simplicidade encantadora de dizer e transmitir—e é este o segredo do genero novela.

Ainda que as transcrições de livros com unidade de entrecho não sejam senão palidas demonstrações do valor, do caracter de um livro, não queremos deixar de transcrever um capitulo ao acaso, mas suficientemente revelador.

Agora já não se estreitavam na velha casa os aros fraternais, que dir-se-íam despedaçados por um génio rebelde ; agora havia silencios em toda a parte; sobre os sofás vetustos e no tecto dos aposentos e tudo parecia exalar um fluido hostil.

Leonor encerrava-se largas horas no seu quarto e quando surgia para a cerimonia do jantar, os seus olhos vinham macerados pelo fogo das lagrimas recentes. Evitava a irmã, falava muito pouco e sua voz agora era humida e estava cheia dessa humildade que debalde procura traduzir uma renuncia que ainda não se fez, que ainda não se chancelou. Já não tinha o carinho antigo e suas palavras eram pautadas por uma triste cortezia — por essa cortezia de quem agradece os pesames recebidos pela morte dum membro da familia.

E á noite, quando chegava Alberto, ela falava-lhe com funda melancolia, como se fôsse já viuva daquele amôr que outrora lhe dedicava. E entristecia-se mais quando ele percorria toda a sala com os olhos, a procurar alguem que não estava presente; entristecia-se quando o via escutar atentamente a personalidade de todos o passos, ou quando fixava com alvoroço uma das portas que o sr. Magalhães Pereira ou a criadagem íam descerrar. E lia-lhe, depois, nos olhos, a desilusão que o engano lhe trazia; adivinhava o seu estado de alma, o seu desejo de ver Soledade, que ha dias se vinha ausentando todas as noites, sob o pretexto de visitar a Helena de Castro.

E tambem sofria por esse procedimento da irmã, que ela considerara nobre, elevado, mas que a não tranquilisava, que não bastava para acalmar a convulsividade de seu espirito.

Sentia-se abandonada, a sós com um amôr que já não era correspondido, isolada com essa paixão que outrora ardia entre ela e Alberto, mas que agora crepitava apenas em sua alma.

Tentava resignar-se, fundir-se num oceano de renuncia e ia mui pontualmente a todas as missas da Trindade, solicitar do seu Deus a felicidade perdida, que ela via distanciar-se, esfumar-se como um bergantim num poente sangrento.

E olvidava-se de suas amigas, que frequentavam tambem aquela igreja e muitas vezes se deixava ficar ali, ajoelhada, esquecida do mundo exterior, envolta apenas na sua fé, na sua angustia e no grande silencio que pairava no templo já sem fieis.

Mas ao regressar a casa, na companhia dessa solicita Maria, que depois de acabar a missa a aguardava pacientemente cá fóra, sua alma não vinha ainda apaziguada, imersa ainda em resignação e esquecimento.

E lamentava-se então de não ser como Soledade, que ela principiava já a considerar voluvel, voluvel como as asas desses moínhos que giram sob todas as brisas, qualquer que seja a direcção que elas tenham. Já principiava a julgar Soledade como a um ser a quem o cosmopolitismo anestesiara para o amor, para os sentimentos afectivos e sentia-a agora menos sua irmã e mais duma vez se interrogara sobre os secretos motivos porque ela não partia para essas cidades que a haviam transformado, que haviam feito dela um numen de fatalidade.

Mas logo sua alma generosa se voltava contra essa infraternidade que ela vinha alimentando e que lhe parecia um sacrilegio, uma afronta a tudo aquilo que considerava sagrado, digno de respeito e de sacrificio.

E de novo procurava resignar-se, entregando á irmã o destino daquele amor que ela quizera só para si e que agora lhe parecia impossivel e povoado de inumeros vetos.

E era com sofrimento, e sem entusiasmo, que á noite saía para a velha sala, a receber Alberto. E ao adivinhar que o espirito do engenheiro estava ausente, colado como uma sombra ao vulto de Soledade, sentia impetos de gritar-lhe que não mais ali aparecesse, que não mais ali viesse! Mas não podia! Não podia!

E aqueleas noite eram para ela como veladas funebres — veladas ao holocausto do seu amôr.

E quando Soledade regressava de casa de Helena de Castro, quando seus passos se ouviam na velha casa e a criadagem fazia rumor para a receber, ela, já recolhida ao leito, procurava adivinhar o estado de espirito da irmã e parecia-lhe vêr que os olhos desta íam dum lado ao outro, como se receiassem encontrar ainda a sombra de Alberto.

E tinha então de dominar-se para não ir, num impulso de sua angustia, rojar-se aos pés de Soledade, a pedir-lhe que abandonasse aquela casa, que partisse, aniquilando assim a fascinação que exercia sobre o engenheiro.

Logo se arrependia de ter admitido tal desejo e na onda dos travesseiros afogava então seus soluços e suas lagrimas.

E assim que no seu desespero havia uma pausa, voltava a reanimar-se, pois não constatara em Soledade gesto algum de traição; antes compreendia as razões porque a irmã abandonava todas as noites aquela casa e porque se preparava tambem para abandoná-la definitivamente, indo residir nesse palacete que ha pouco adquirira e que agora estava sofrendo alterações em seus aposentos.

E soluçante ainda, orava, evocando a memoria da mãe, pedindo que lhe perdoasse aquela quebra de fraternidade, que ela desejara sempre que fôsse eterna, que escalasse a muralha de todos os anos.

E esquecia-se a recordar os tempos infantis, em que Soledade, mui mais velha do que ela, para ela tinha cuidados maternais, descobrindo pueris divertimentos, comovedoras distrações, agarrando-a pelas mãos e girando com ela nas salas familiares. E depois, mesmo quando casara, nunca dela se esquecera e vinha buscá-la aos sabados, para levá-la á praia onde veraneava, á Povoa ou á Granja, onde passavam dias que lhe pareciam caídos do proprio regaço da Felicidade.

E só mais tarde, quando se divorciara e partira para o estrangeiro, a olvidara, escrevendo-lhe mui raramente e não colocando em suas cartas essas palavras ternas, meigas, que seu espirito fraterno anelava.

Mas isso mesmo lhe parecera justificavel, desde que voltara a vêr Soledade, nimbada de distinção cosmopolita, aereolada de fascinação e trazendo refinados todo os seus gestos e atitudes da juventude. E compreendera então que a irmã não podia usar essas mesmas expressões ternas, familiares, que ela sonhava; aquelas cartas eram mui justamente, mui merecidamente, o reflexo da superioridade que agora lhe envolvia, como uma diadema, a cabeça seductora.

E se então se orgulhara com esse triunfo fraternal, lamentava-o agora, sentindo instintivamente que era ele que as separava, erguendo-se entre as duas como a linha duma fronteira.

Soledade amava a vida errante, as cidades longinquas, onde só os sentidos possuiam templos e onde o coração era uma viscera sem adoradores.

Ela, ao contrario, amava a cidade nativa, em cujos predios antigos ainda se escutava o eco de infelizes amores preteritos e não almejava ir mais longe, nada mais almejava do que um lar, cuja vida fôsse regulada pela pendula do seu coração.

Para ela o amôr era um sacerdocio, um sacrificio, uma cruz, que se levava voluptuosamente através das sendas ingremes da existencia. Para Soledade seria tambem uma cruz, mas uma cruz que se repudia, que se deixa ao meio do caminho, lacerada pelas flechas do desdem.

Pensava assim Leonor e parecia-lhe já impossivel que no jardim soturno de sua angustia volvessem a florescer de novo os lirios fraternais.

NÓS SABEMOS
que é na

que se encontram, mais baratos, que em qualquer outra parte, todos os artigos de viagem.

MAPLES
O modelo TINA que insere este anuncio em magnifica pele, o que ha de mais perfeito, ao preço de esc. 400$00.
Temos mais modelos para varios preços
Antigo fabricante LOPES FALCÃO
25-A, R. Luz Soriano, 27, 1.º
(Ao Calhariz)

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Restaurant
Ferro d'Engomar
O MELHOR RETIRO DA CAPITAL
Telefone 67—Bemfica
Jantares de Mesa redonda. Esc. 10$000.
Esmerado serviço de cosinha á portuguesa

A Cidade

Bebam AGUA DE LUZO
Os melhores refrigerantes são os da
AGUA DE LUZO
Pedidos aos concessionarios:
Fladeiro & Neves Limitada
R. DA PRATA, 103-3.º-Telefones N. 886 e C. 1978

Chá das cinco

A morte do Anjo

Era uma hora triste, doce. A luz—um pouco de sonho, esfarrapado em lagrimas, tinha caído como que de joelhos em frente da janela. Depois começou o crepusculo e o embalar do berço, onde a criancinha dormia, valida e doente. Olhei a sombra enorme nos seus espaços de silencio, fletida para a morte—sem um engano, nem uma duvida. Tinham-se calado os relogios e talvez a minha propria vida, assombrada dum sofrimento tão grande, que afinal não era meu. Uma a uma todas as interrogações vieram ao meu espirito. Nenhuma queria desaparecer. De pé, ironicas, como aquelas quimeras das catedrais que devoram todas as glorias e todos os destinos, elas esperavam ouvir na minha voz interior a replica muda ao seu dialogo seco e cruel.

Aquela criança saberia o que era a morte? Alguem já lhe tocara o coração com essa palavra fria, irremediavel e final? Até onde ia o seu instinto, aquele mesmo instinto que numa hora de alegria, olhando duas azas crucificadas sobre o mar imenso, dissera: aquela é a saudade!

Que imagem de beleza e de inocencia, a sua alminha de neve pura, podera construir, aspirando entre todas as rosas do jardim, a mais humilde, a mais pobre e tambem a mais triste, para balbuciar, chorando:—deve ser assim o amor, quando se ama muito!

E ia morrer, pequenina flôr de amor, toda feita de caricias, de receios e de amargos sofrimentos. Quem o levaria até ao ceu? Que braços ou que beijos o entregariam ao Menino Jesus, para se não perder entre as estrelas? Não sei se ele sonhava, quando abrindo os olhos, procurou os meus, pedindo que lhe abrisse a janela.

Todos os astros tinham feito caminho sobre a noite infinita até aquela janela, onde estava agora o meu coração inquieto e a dôr serena da criança, tão extatica como desconhecida ao mundo.

Apontou os astros! Quiz contá-los! Saber donde vinham tantas cabecitas de oiro, sobre o rio nocturno do ceu, que as embaciava de lagrimas!

—Talvez os anjos com candeiasinhas de luz!

—Talvez!

—Mas falta um—um que me sorria quan... do... eu... so... rria.

Senti a sua cabeça descair no meu ombro, emquanto mais ardente se tornava o caminho das estrelas, onde agora subia uma alma de criança, aza doirada de luz, voando tão alto, que em breve se extinguiu e perdeu na luz maior do ceu.

Artur Portela

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
s|Londres	—	94$75
s|Madrid	—	3$10
s|Paris	—	$50
s|Suissa	—	3$78,5
s|Bruxelas	—	$44
s|Nova-York	—	19$55
s|Amsterdam	—	7$85
s|Italia	—	$67
s|Brasil	—	3$10
s|Praga	—	$53
s|Suecia	—	5$25
s|Austria	—	2$77
s|Berlim	—	4$66
Libra estrelina	97$00	99$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações 6 1|2 0|0 1923	538$00
» Externas 1.ª serie	580$00
Acções do Banco de Portugal	740$00
» do Banco Lisboa & Açores	—
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia de Fosforos	108$50
» da Companhia dos Tabacos	690$00
» da Companhia do Gaz, 1922|23	128$00
» da Companhia do Aboim	—
» da Companhia Colonial do Buzi	—

FIM DO PRIMEIRO ACTO

Como foi a identificação dos dezassete implicados

no caso do Banco Angola e Metropole

O drama—quem lhe chamará apenas grande burla?—do Angola e Metropole, teve ontem o seu desfecho da primeira parte. O seu final de acto—sem espectadores: a identificação dos 17 implicados.

Deve ser um acto doloroso, vil, calice de amargura, isto que se chama identificação e é nem mais nem menos do que... um cadastro.

* * *

A scena, que seria de teatro, se o teatro não fosse uma aguarela lambida, e se a existencia não fosse, essa sim, o verdadeiro teatro—a scena passou-se de manhãsinha, á hora, pouco mais, em que vão para o suplicio os condenados, precedidos de um rufar de tambores, que já se não usa na dramaturgia policial moderna, mas que os implicados em crimes de vulto devem sentir, ouvir rufar dentro das consciencias, passando pelo craneo como marteladas de opróbio.

E depois... quem sabe se é o jornalista que está a romantizar a scena, e se tudo aquilo não foi simples, como uma simples credencial falsa, para abrir a confiança fleugmatica dos Waterloos inocentes...

* * *

Para não dar nas vistas, era preciso que aquilo fôsse cedinho. O Posto Antropometrico, da direcção autorizada e severa dum homem de sciencia que, como o seu pessoal, não tem nada que ver com as coisas da Policia—está habituado a cadastrar toda a gente que para lá lhe mandam. Um homem é preso por transgredir um edital de fora de horas, por andar, em terça-feira de Carnaval, mascarado "demais„ por ter o mesmo apelido que um "ladrilho„ de facil confusa, por engano—vamos—vai ao Posto.

E' uma desgraça que atinge criminosos e inocentes, como um ferimento na cara, resultante de um vidro partido de um automovel, mas que fica como uma facada de viela. E porque assim é, o dr. Balbino Rego, e o pessoal circumspecto do Posto, tratam os identificados com uma cortezia digna de Mgr. Miriel.

Estão habituados... Sempre são 90:000 identificações ali feitas. E' como o oficio de coveiros. Ninguem dirá que um coveiro não é delicado. As cordas de descer o caixão, essas, sim, podem ser um pouco grosseiras. Mas a delicadeza, que é talvez indiferença, embotamento de sensibilidade, existe.

O caso é que a scena foi ás 7 da manhã de ontem. Ninguem. Nos calabouços dormiam os desgraçados.

* * *

A policia trouxera, em automoveis, os presos das suas instalações. De Campolide, vieram o dr. Nuno Simões, o dr. Carneiro Franco, Antonio Bandeira, Pinto de Lima, o dr. Carlos Pereira—escrever estes nomes confrange—Oscar Zenha, José Bandeira, Ferreira Junior, Pedro Paulo de Melo (metido nisto como Pilatos no Credo). De Belem, os irmãos Alfredo e José Pinto da Cunha; de Alcantara, Alves dos Reis; das Monicas, Avelino Teixeira; da Lapa, Trindade Baptista e Adriano Coutinho; do Pateo de D. Fradique, Adriano Silva e Antonio Novais.

Faltou o dr. Pacheco de Amorim, doente e preso em Monsão, onde será identificado.

Os arguidos foram chegando, e esperando no pateo. Agentes á volta. Policias fardados e desconfiados pelo pateo. A cidade, mal acordada, ia subindo e descendo, no formigueiro, ainda reduzido, das ruas. O pregão dos jornais chegava ao pateo: "O Seculo...„

Lá em cima, nas pessimas instalações do Posto, esperavam o chefe sr. Lopes, os empregados, os operadores—e os maquinismos.

* * *

Subiu o primeiro. Aquilo fará muito doer?—pensarão os que ficam á espera. O primeiro foi Ferreira Junior, um homem alto, direito, correcto.

A scena é assim: os homens dão os nomes, com a resonancia tragica dos apelidos de familia. Depois encostam-se a um poste, e são medidos: um metro e setenta e nove. Passam o dedo polegar a um tambor de tinta suja, muito suja, e depois imprimem no papel, que era branco. Ainda segunda vez. Agora as caracteristicas, como aos animais; a signaletica, Alto, baixo, moreno, uma cicatriz, um tic, a contingencia fisica. Depois a fotografia, de frente e de perfil, numa rutilação de raio electrico e... já está, para toda a vida.

* * *

Supunha-se que havia resistencia por parte de alguns identificados. Mesmo para suavizar o acto, "aliás natural„—explicam para... explicar—o director do Posto, o sr. dr. Balbino Rego, não assistiu.

Mas não. Não houve um protesto, uma contracção moral. Se a houve, a sensibilidade embotada dos operadores mecanicos, não deu por isso.

Houve mesmo um certo á vontade. Não se conversou, porque o pessoal do Posto—é mudo. Para se ser ali funcionario a principal condição é não falar. Falam os aparelhos. Falam 90.000 chapas. Falam 90.000 dedadas.

Alves dos Reis, um pouco abatido, do calor certamente, tem espirito, e elogia a maneira tecnica, o progresso scientifico do Posto. "Isto está muito bem!„ Porque o Posto é, de facto, sob o ponto de vista antropometrico, modelar.

O sr. dr. Nuno Simões repara na insuficiencia do edificio, a pobresa das instalações.

—Mas isto está muito atrazado...

—Não ha duvida.

—E' obra publica?

—E' claro.

—Então...

—E o ex-ministro do Comercio, num vislumbre da sua antiga situação de estadista, e ainda no habito de se preocupar com cousas publicas, tem um gesto, como quem diz:

—Era preciso que isto andasse para deante. Não haverá verba? Talvez no orçamento se encontre. Enfim, isto está mal. Havemos de vêr...

O interesse do ex-ministro impressionou.

* * *

As identificações demoraram até ás 8 e meia. Os implicados foram tomando logar nos carros taxis, e conduzidos ás suas esquadras.

A segunda parte do drama, começa para a semana, com a pronuncia dos presos. E levará tudo muito tempo, até o desfecho: a liberdade merecida para uns, a Africa conhecida para outros.

UMA EXPOSIÇÃO

Como operarios SE TORNAM artistas na Escola Machado de Castro

Na Escola Industrial Machado de Castro, instituição de ensino para os filhos do povo, que o Estado desconhece, inaugurou-se uma curiosa exposição dos trabalhos dos alunos. As Escolas Industriais—é preciso dize-lo—têm no orçamento do Estado apenas o nome. Só assim se compreende que a Machado de Castro receba como dotação mensal a parca quantia de mil e duzentos escudos, que não chega para papel e tinta.

Mas é de vêr e de admirar o trabalho dos professores, sacrificados a irrisorios ordenados. São eles que preparam o trabalho manual do operario, aproveitando-lhe o instinto, mas dando-lhe uma sentelha de arte, de beleza, e mesmo de creação. A Escola Machado de Castro é uma autentica e proveitosa universidade popular. Ha alunos de todas as idades e de ambos os sexos. O operario que trabalha e se estafa de dia—vai á noite para a aula.

Pouco a pouco a sua inteligencia sensibiliza-se; a vizão é mais aguda e a "vis„ creadora desabrocha, em modelos copiados, que ele desenha e constroi com segurança, tecnica e beleza.

Percorremos as vitrines, onde se mostram os lavores femininos. Delicadeza, espirito leve a subtilizar rendas, a compor bordados de lindas côres. Numa sala estão as ferramentas construidas pelos alunos. A perfeição é exacta; possui todas as linhas. São depois os frizos, optimos de tonalidade, com invejavel sentido decorativo. No primeiro andar da escada a secção de desenho—desenhos geometricos e desenhos do natural; peças de madeira, detalhadas em ornatos e caprichosos.

E, por fim, atravez de inumeras salas, onde se amontoa a produção escolar, em tudo curiosa, a escola do professor Cosmelli Sant'Ana.

Este distinto professor, com os seus processos modernos de ensino, prepara uma magnifica geração de artifices. Desde o marceneiro, que sabe construir um "parquet„ até ao serralheiro, que na teoria e na pratica amolda o aço, em peças dum extraordinario mecanismo. Os desenhos estão patentes. Ha de tudo e tudo é bom, definitivo, exacto. Sente-se que o aluno trabalha a inspiração ao contacto de breves, mas profundos conhecimentos artisticos.

A exposição merece ser vista e a Escola Machado de Castro deve ser, como o não tem sido até hoje, protegida, eficazmente, pelos poderes publicos.

A morte da taberneira

O agente Hermano da Fonseca, da 3.ª secção da P. I. C., esteve hoje a interrogar João da Costa Mendes, autor do crime de assassinio de que foi vitima a taberneira Maria Rosa, na rua Direita do Grilo.

Confessou o crime com o maior cinismo.

AGUAS DE S. VICENTE
Entre-os-Rios
Estas Aguas curam as bronquites, laringites, etc.
Grande Hotel de S. Vicente aberto de 1 de Junho a 30 de Setembro, iluminado a luz electrica e com todas as condições de conforto e higiene e um bom tratamento.
O gerente—Manuel Especht

Perfumaria Higiene
Rocio 62—Telefone 4862-N.
Grande sortimento de productos das melhores marcas nacionais e estrangeiras. Deposito dos produtos de toilette da **Companhia Portuguesa Higiene, Lda.** Preços sem competencia.

A Cidade

A PATRIA
SOCIEDADE ALENTEJANA DE SEGUROS
Séde: EVORA
LISBOA:—Rua do Alecrim, 20-A
Telefone 362 C
SEGUROS DE VIDA
e em todos os outros ramos.

UM MANIFESTO

Como o pessoal FERRO-VIARIO aprecia o afastamento de três directores

Assinado por um grupo de ferro-viarios do Sul e Sueste, foi hoje distribuido um manifesto "Ao governo e ao país„ de que transcrevemos a seguir a parte principal:

"Sentimos bem que o País viu com sobresalto e estrahesa o afastamento destes serviços dos três engenheiros que neles superintendiam, srs. Pinto Teixeira, Plinio Silva e Jesus Pires, em consequencia de uma suposta imposição do pessoal,— porque o País está, e com inegavel razão, farto de assistir a manifestações de indisciplina e do que ele tem sêde é de ordem e de obediencia ás leis e ás autoridades legitimamente constituidas, seja qual fôr o distrito da vida administrativa do Estado de que se trate.

Porém, o que o País não sabe, porque ainda ninguem apareceu a demonstrar-lho, e, antes pelo contrario, só os interessados nesse anómalo estado de coisas têm conseguido alarmar-lhe o espirito com a sua grita espalhafatosa, é que tal exigencia do afastamento dos citados engenheiros, foi apenas fruto do acinte com que ha muito os alvejavam, em campanhas desabridas, certos elementos do meio ferro-viario. Esse "ultimatum„ expresso no momento já certo da vitoria da revolta militar, propicio como o de todas as revoltas a audacias deste jaez, suscitou aos ferro-viarios que se não deixam sugestionar com facilidade e mais sensatos, um sentimento de repulsa que só os dignifica e que os homens que firmam este manifesto vêm interpretar e tornar publico, para que o País os não envolva a todos, indistintamente, no seu menospreso.

... ...

Querem, pois, os elementos ordeiros e conscientes dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, que por meio deste manifesto fazem ouvir a sua voz, que uma partilha de justiça e de saneamento, de disciplina e de ordem, venha a atingir este departamento dos Serviços Publicos que tamanha influencia exerce na economia do País.

E querem mais que mande sómente quem de direito, isto é, aqueles que os altos poderes coloquem nessas funções directivas. Cada um no seu lugar, em suma, e nesse lugar cumprindo os seus deveres e gosando dos seus direitos, empenhado sómente em contribuir para o ressurgimento dos serviços ferroviarios, que é uma verdade inegavel terem de ha poucos anos a esta parte entrado numa fase decidida de melhoramentos e de extinção do **déficit** das suas contas, em obediencia a um plano que cumpre prosseguir a todo o transe. E se assim não fôr, tudo quanto tem sido possivel fazer para resgatar este serviço do estado de penuria, e mais do que penuria, de verdadeiro cáos, que era aquele em que se encontrava ha alguns anos, derruirá estrondosamente, regressando os Caminhos de Ferro á fase vergonhosa em que se arrastaram num tempo que não vai ainda muito longe.

Dr.ª Maria de Lacerda
DOENÇAS UTERINAS—Calçada do Sacramento, 7, 2.º, ás 2.as, 4.as e 6.as feiras, das 2 ás 4.—Telef. C. 4359.

Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75—Rua de S. Paulo—77

O MOMENTO POLITICO

O que diz sobre as médidas que não poude realizar

o comandante Filomeno da Camara

Saber qual o pensamento e a atitude dos homens que o pronunciamento militar de sexta-feira passada afastou das cadeiras do poder — é uma coisa que interessa ao jornalista, porque interessa sobremaneira ao publico.

Um desses homens é o comandante Filomeno da Camara, cuja obra, no ministerio das Finanças, é das poucas coisas praticas que a Nação deve, por emquanto, ao 28 de Maio.

* * *

O comandante Filomeno da Camara fala-nos com a mesma serenidade e o mesmo bom humor que já lhe apreciaramos nas cadeiras do poder, e na Rotunda — sob a chuva de granadas do 18 de Abril.

A nossa primeira pergunta:

—Qual é a sua opinião sobre tudo isto?

—Acho bem — á minha maneira...

O leitor, que é inteligente, já percebeu, por esta simples frase, o estado de espirito do ex-ministro das Finanças.

—Surpreendeu-o o golpe dos comandantes das unidades?

—Surprendeu-me. E vou dizer-lhe porquê.

Vem aqui um breve relato do que se passou, durante as 48 horas que precederam o pronunciamento:

—Quando os oficiais fôram a Belem, impôr ao chefe do governo que ficasse apenas com a Presidencia da Republica, e entregasse ao general Sinel de Cordes a organisação do ministerio, o general sr Gomes da Costa tomou uma atitude que ainda é desconhecida por muitos.

—Qual foi ela?

—Sentindo-se o mandatario do Exercito, logo que os comandantes das unidades lhe íam fazer uma imposição daquela natureza, quiz entregar-lhes o poder — e ir-se embora... Em face desta disposição, os comandantes declararam que se conformavam com a situação e retiraram-se. Entretanto, haviam pedido a sua demissão varios ministros. E nós, confiantes nas afirmações dos comandantes e no desinteresse dos ministros demissionarios, pela politica, tratámos de substituir estes.

—Na sexta-feira de manhã...

—Fui para o ministerio das Colonias, onde me juntei com o coronel João de Almeida e o dr. Martinho Nobre de Melo. Telefonámos para o palacio de Belem. O general não estava. Fôra visitar as tropas. Havia já forças nas ruas. Depois chegou-nos o boato de que haviam prendido o chefe do governo em Queluz. Achámos estranho—e aguardámos algum tempo. Telefonaram-nos de Belem. Era o general que nos chamava. Fomos lá... ..... seguimos no automovel que, em virtude dum choque com um electrico, ficou impossibilitado de andar. O coronel João de Almeida julgo que foi a Sacavem. Eu mandei um filho meu ao Quartel de Metralhadoras, onde se combinara que o governo se reunisse, logo que houvesse qualquer alteração da ordem. Responderam-lhe que estavam ao lado do movimento e que só obedeciam ao comandante da Divisão.

—Causou-lhe estranheza esse facto?

—A maior. Como me causou bastante impressão que nem um comandante de unidade se puzesse ao lado do sr. general Gomes da Costa.

—Parece que estavam descontentes com certos actos...

—Em tudo quanto fez, o sr. general Gomes da Costa foi apenas movido pela sua bondade e pelo seu desejo de satisfazer as aspirações do Exercito e do País.

E, num tom ironico:

—Ouço acusar o general por alguns dos seus actos. Não ouço acusar nem nomear os que o levaram a praticá-los. Quem exigiu desde o principio, as substituições que se fizeram, e as demissões que o dr. Martinho Nobre de Melo decretou?! Era interessante saber-se — e dizer-se...

Uma afirmação curiosa:

—Duas das coisas que mais me desgostaram fôram as seguintes: os oficiais de Metralhadoras vieram a minha casa, pedir-me que interviesse no sentido do governo mandar vir carros blindados para o regimento da Rotunda. Satisfizémos-lhes esse desejo. E, ha dezasseis dias, oficiais de Sacavem pediram-me tambem que conseguisse que o governo não mandasse retirar aquelas forças, porque, não estando ainda a situação completamente normalisada, julgavam necessaria a sua presença, para apoiar e defender o sr. general Gomes da Costa. Ora, eu merecia que me poupassem ao desgosto de fazer essas *démarches*, poucos dias antes do seu golpe...

—E que lhe parece o que se fez agora ao sr. general Gomes da Costa?

—Julgo que foi uma medida de prudencia, tomada pelo receio de que pudésse trazer complicações o prestigio criado pela sua bravura e pela sua indole...

—A actual situação dá ao seu espirito garantias de que será cumprido o programa do movimento militar?

—Mas qual programa? Eu até agora só conheço um, em que estão esboçadas, na generalidade, as reformas politicas a realisar. E' o que o sr. general Gomes da Costa leu no conselho de ministros, ainda no tempo do comandante Cabeçadas. Com esse concordo eu quasi completamente. Mas é esse programa que se vai executar? Não o sei. Se é, magnifico! Até folgo imenso que a obra que não me deram tempo para realizar seja, embora por outros, levada a bom cabo.

* * *

Qual é essa obra? O publico já conhece algumas das medidas projectadas pelo sr. Filomeno da Camara.

Duma delas, por exemplo — que ficou dentro da sua pasta de ministro — resultará uma economia de 8.000 contos.

—Sobre impostos indirectos, tinha já um projecto, e conhecedor de que a Associação Comercial estudara largamente o assunto, pedi a sua colaboração, a fim de servir, o melhor possivel, os interesses do país. Pelo meu projecto, seriam abolidos os seguintes impostos: o imposto pessoal de rendimento; a taxa anual da Contribuição Industrial e a respectiva taxa complementar; o imposto sobre a aplicação de capitais (secção B); o imposto sobre objectos artisticos; as taxas do imposto de selo sobre bebidas e perfumarias; as taxas do imposto de selo sobre bilhetes de espectaculos publicos e anuncios afixados; as taxas de inspecção da lei de Junho de 1901.

—Mas haveria uma grande diminuição de receitas...

—Tudo isto seria compensado por um melhor lançamento e pela regularisação

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

Pelos teatros

Irene Benamor

No «vaudeville» «Tres meninas... nuas», que vai representar-se, ainda esta semana, no teatro do Gimnasio, um dos papeis femininos—o de «Miss Tapry»—vai ser interpretado pela galante

IRENE BENAMOR

actriz Irene Benamor, que é uma figura muito interessante e uma artista com muitas aptidões para uma bela carreira no nosso teatro de comedia, onde já têm posto á prova as suas qualidades.

Irene Benamor cantará, dentro do seu papel, a cançoneta, de grande exito em Paris, «Raimunda».

"O Milagre de Fatima"

E' hoje que se exibe, juntamente com a comedia «O Patriota», que ao teatro da Trindade tem levado milhares de pessoas, o «film» português «O Milagre de Fatima», reprodução da ultima peregrinação a Fatima e documento fiel da religião e fé do povo de Portugal. A reconstituição do milagre, feita conforme vive na crença do povo de Fatima, é a reprodução fiel dum facto que a Igreja aceitou e protege. «O Milagre de Fatima» é um «film» para todos os portugueses de coração, sejam quais forem as suas crenças.

Atrás do reposteiro

A primeira representação da peça «Os Filhos», no Teatro Nacional, para inauguração dos espectaculos da nova Companhia Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo, efectua-se, definitivamente, na proxima sexta-feira.

—Um grupo de intelectuais, jornalistas e amigos promove na proxima terça-feira, 20, no Teatro da Trindade uma recita em homenagem ao actor-emprezario Erico Braga. Alem de uma surpresa, representar-se-ha pela primeira vez a «bluette» em 1 prologo, 1 acto e 4 quadros original do homenageado e de Avelino de Sousa, musica coordenada e original de Alves Coelho «Pomada Amor».

—O actor José Climaco, para a exploração que vai dirigir no Eden-Teatro, a preços populares, tem recebido o mais penhorante concurso artistico de varios elementos, entre estes alguns scenografos, emprezarios, maquinistas, artistas e diversos trabalhadores de teatro, todos dispostos a auxilia-lo na sua iniciativa.

—Todos os elementos que actualmente fazem parte da Companhia Lucilia Simões-Erico Braga ficam contractados para a proxima temporada de inverno. A empresa Erico Braga mantem, ha seis anos, o mesmo elenco, o que faz com que tenha montadas 53 peças.

—Consta que a empreza Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro fechou contracto com uma outra empreza de Lisboa, para explorar um teatro no proximo inverno.

—E' na quinta-feira que no Foz se estreia a interessante «bluette» «Malmequer». Estreia-se tambem a formosa e encantadora «coupletista» valenciana Pepita Reyes. Todos os numeros de musica do «Malmequer», em que entram os melhores nomes do nosso teatro ligeiro, são executados pela «Foz Melody Band».

—A revistasinha «Pomada Amor» sobe á scena, no teatro da Trindade, na proxima terça-feira, 20, em recita de homenagem ao actor-emprezario Erico Braga. As «maquettes» dos scenarios são de Jorge Barradas.

—Sobe hoje á scena, no teatro Sá da Bandeira, do Porto, pela companhia Cremilda de Oliveira, o «vaudeville» «Bom-Bom», segunda peça depois de «A mosca de Milão».

ESTATUTOS
DA
COOPERATIVA DE TAXIS JEAN GRAS

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

(Outorgados em 10-7-1926 em notas do Doutor Maia Mendes, de Lisboa)

CAPITULO 1.º

Natureza, denominação e fins

Art. 1.º — Com séde em Lisboa é fundada sob a fórma de sociedade anonima uma sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada, denominada «Cooperativa de Taxis Jean Gras» que será regida pelos presentes estatutos e pelas disposições legais aplicaveis.

Art. 2.º — O objecto social é a exploração da industria de transportes em automoveis de pessoas e objectos, venda de oleos, gazolina e seus utensilios, e ainda qualquer outro ramo que de futuro á sociedade convenha explorar.

Art. 3.º — A sua duração é por tempo indeterminado, tendo começo em 15 de Junho do corrente ano.

CAPITULO 2.º

Capital social, fundos e lucros

Art. 4.º — O capital social é variavel e ilimitdo, sendo o minimo de 2.500$00 representados por acções nominativas de 100$00 cada uma. Que serão transmissiveis nos termos gerais de direito se a Direcção o entender conveniente aos interesses gerais da sociedade.

Paragrafo 1.º — Só poderá haver titulos representativos de uma ou cinco acções.

Paragrafo 2.º — A importancia do capital minimo foi já subscrita pelos outorgantes na sua totalidade.

Art. 5.º — A Cooperativa terá os seguintes fundos:

a) — Capital social;
b) — Fundo de Reserva Legal;
c) — Fundo de Reserva para Depreciações;
d) — Fundo de Previdencia Social;

Paragrafo 1.º — O capital social será constituido segundo o art. 4.º e especialmente representado por todos os automoveis, maquinas, ferramentas, edificios e utensilios que a Cooperativa possua ou venha a possuir para a boa gestão das suas operações.

Paragrafo 2.º — O Fundo de Reserva Legal será constituido pelo menos, por 10 por cento dos lucros liquidos anualmente verificados.

Paragrafo 3.º — O Fundo de Reserva para Depreciações será constituido pelo menos por 10 por cento dos lucros liquidos anualmente verificados e destina-se á acquisição de novo material e conservação do existente.

Paragrafo 4.º — O Fundo de Previdencia Social será constituido por uma quantia nunca superior a 10 por cento dos lucros liquidos anualmente apurados e tambem por qualquer doacção a favor da cooperativa; este fundo destina-se a socorrer e proteger os associados nos termos do regulamento interno.

Paragrafo 5.º — A percentagem para o fundo de Previdencia Social referida no art. antecedente será fixada pela Assembleia Geral, bem como esta fixará anualmente o maximo da quantia que dêsse fundo poderá ser desviado para proteger e socorrer os associados. O restante será transferido para o fundo referido no paragrafo 3.º.

Art. 6.º — O lucro liquido excedente, depois de deduzidas as percentagens referidas nos paragrafos anteriores, será dividido pelos accionistas como dividendo.

CAPITULO 3.º

Dos socios, seus direitos e deveres

Art. 7.º — Só pódem fazer parte desta sociedade os individuos, nacionais ou estrangeiros, que sejam *chauffeurs* profissionais, propostos por dois socios pelo menos, e admitidos por deliberação da Direcção, pagando a titulo de joia o que fôr resolvido em Assembleia Geral.

Art. 8.º — O socio tem direito:

1.º — A fazer parte da Assembleia Geral;
2.º — A ser eleito para os corpos gerentes;
3.º — A examinar a escrituração da Cooperativa;
4.º — A requerer ao Presidente a convocação da Assembleia Geral extraordinaria em requerimento assinado pelo menos por um quinto dos socios;
5.º — A deixar de fazer parte da cooperativa mediante requerimento assinado e reconhecido, mas sómente passados dois anos após a sua fundação;
6.º — A prestar á cooperativa os seus serviços profissionais, ou outros reconhecidamente uteis, recebendo por eles a remuneração que a Assembleia Geral fixar;
7.º — A receber da Caixa de Previdencia os socorros referidos no paragrafo 4.º do art. 5.º.
8.º — A fazer á Cooperativa, quando ela careça, suprimentos nas condições estabelecidas pelas direcções;
9.º — Usar dos demais direitos e regalias conferidas pelas leis, pelos estatutos e pelos regulamentos internos.

Paragrafo unico — A liquidação das acções do socio falecido será efectuada nos termos gerais de direito.

Art. 9.º — São deveres dos socios:

1.º — Cumprir com zêlo e dedicação as funções que desempenhar na sociedade;
2.º — Cumprir e fazer cumprir fielmente os estatutos e regulamentos da Cooperativa;
3.º — Prestar contas á Direcção dos seus actos quando estes impliquem com os interesses da Cooperativa. A Direcção dará deles conhecimento á Assembleia Geral se assim o entender;
4.º — Exercer os cargos para que fôr eleito, só podendo recusar-se por motivos devidamente justificados;
5.º — Não fazer parte de qualquer outra Cooperativa congenere, quer como socio, quer como assalariado, nem exercer actos de comercio relativos a automoveis e concernentes.

CAPITULO 4.º

Das penalidades

Art. 10.º — Serão castigados com a pena de expulsão os socios:

1.º — Que verbalmente ou por escrito ou ainda por qualquer outra fórma prejudiquem os interesses morais e materiais da Cooperativa.
2.º — Os que por qualquer modo infringirem o disposto no Art. 9.º.
3.º — Os que não pagarem as suas dividas á Cooperativa.

Paragrafo unico — Estas penalidades só poderão ser aplicadas por deliberação da Assembleia Geral, sob proposta fundamentada da Direcção; podendo contudo a Direcção suspender o socio até á proxima Assembleia.

CAPITULO 5.º

Da Assembleia Geral

Art. 11.º — A soberania da Cooperativa reside na sua Assembleia Geral, regularmente constituida, e as suas deliberações serão tomadas por maioria de votos, não podendo cada socio dispôr de mais de um voto.

Art. 12.º — A Assembleia Geral reune ordinariamente no primeiro trimestre de cada ano social, para discussão e aprovação do relatorio e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal; em Dezembro de cada ano reunirá para a eleição dos corpos gerentes e para discussão de qualquer outro assunto indicado na convocação. Reunirá tambem, extraordinariamente, quando a Mesa o julgue conveniente, e a pedido da Direcção ou Conselho Fiscal ou a requerimento da quinta parte dos socios existentes.

Paragrafo unico — As convocações serão feitas por anuncios publicados no *Diario do Governo* e num dos jornais mais lidos de Lisboa e ainda por editais afixados na séde com oito dias de antecedencia.

Art. 13.º — Quando a Assembleia Geral não funcionar na primeira convocação por falta de numero legal, funcionará na segunda convocação com qualquer numero de associados. A segunda convocação só poderá ser efectuada num espaço de tempo nunca inferior a três dias nem superior a quinze.

Art. 14.º — Compete á Assembleia Geral:

1.º — Eleger os corpos gerentes de entre os socios que á data estejam em pleno goso dos seus direitos.
2.º — Discutir, votar ou alterar os relatorios da Direcção e pareceres do Conselho Fiscal.
3.º — Reformar os estatutos e sancionar os regulamentos aprovados pela Direcção.
4.º — Apreciar as reclamações apresentadas contra os corpos gerentes da Cooperativa aplicando as sanções penais.
5.º — Conceder ou negar a recusa apresentada pelos socios relativamente aos cargos para que tenham sido eleitos e resolver sobre as penalidades propostas contra eles.
6.º — Sancionar as propostas da Direcção sobre gratificações e remunerações a prestar ao gerente e pessoal assalariado.
7.º — Fixar anualmente a percentagem referida no paragrafo 5.º do Art. 5.º e determinar nos termos do mesmo paragrafo a quantia que deve ser aplicada á protecção dos associados.

Art. 15.º — A mesa compõe-se de Presidente, vice-presidente, dois secretarios e dois substitutos. Não perceberão remuneração de qualquer especie e serão eleitos anualmente.

Paragrafo 1.º — Ao Presidente compete fazer as convocações e dirigir os trabalhos.

Paragrafo 2.º — Ao primeiro secretario compete fazer a correspondencia e redigir os documentos emanados da Assembleia Geral e a acta. Ao segundo secretario compete auxiliar o primeiro, substituí-lo no seu impedimento e fazer a restante parte do expediente.

Art. 16.º — As eleições serão tiradas por escrutinio secreto.

CAPITULO 6.º

Da Direção, Conselho Fiscal e Gerencia

Art. 17.º — A administração da Cooperativa será exercida por uma Direcção de 3 socios, que a exercerão efectivamente e por mais dois substitutos.

Será eleita anualmente e poderá fazer-se, sempre que a Assembleia Geral o entenda, a sua reeleição.

Art. 18.º — Os membros da Direcção em efectivo serviço terão direito á remuneração que a Assembleia Geral lhes fixar anualmente.

Art. 19.º — Compete á Direcção dirigir os negocios da Cooperativa, tomando para si todas as medidas necessarias á sua boa administração e representá-la em actos judiciais ou extra judiciais.

Paragrafo unico — A Direcção poderá representar-se em juizo e fóra dele por dois dos seus directores.

Art. 20.º — Ao Conselho Fiscal competem as atribuições que lhe são indicadas no art. 176 do Codigo Comercial. Os seus membros não perceberão remuneração de qualquer especie a não ser a gratificação que a Assembleia Geral lhes fixar anualmente. E' composto de três efectivos e dois substitutos.

CAPITULO 7.º

Das disposições gerais

Art. 21.º — A Cooperativa dissolver-se-ha nos termos gerais do Codigo Comercial, nomeando a Assembleia Geral os liquidatarios em sessão a que assistam pelo menos três quartas partes dos socios existentes.

Paragrafo unico — A liquidação seguirá os termos legais sem formalidades especiais.

Art. 22.º — O ano social será o civil, que vai de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro. Os balanços serão dados pelo negocio efectuado até ao ultimo dia de Dezembro, e será fechado até ao ultimo dia de Fevereiro do ano a seguir.

Paragrafo unico — O primeiro balanço, porém, será referente ao espaço de tempo que decorrer desde o inicio até ao ultimo dia do corrente ano.

Art. 23.º — A primeira Direcção sê-loha por dois anos.

Art. 24.º — Pelos presentes estatutos fica a Direcção autorisada a elaborar os regulamentos internos que julgar necessarios e que só entrarão em vigor depois de aprovados pela Assembleia Geral.

Art. 25.º — Tudo o mais não previsto nestes estatutos e seus regulamentos será regulado pelo Codigo Comercial e pela demais legislação aplicavel.

Art. 26.º — A primeira Direcção da Cooperativa fica desde já composta dos socios seguintes: Presidente, João Ernesto Pardal; Primeiro Secretario, Abilio da Costa Junior; Tesoureiro, Raul Fontes Lourenço; Substitutos, Henrique Maria da Silva e Americo Luís.

CARTAZ

TEATROS

Trindade—A's 9.30—«O Patriota» e o «film» «O Milagre de Fatima».
Variedades—A's 9 e 10 e 45—«O Pó d'Arroz».

ANIMATOGRAFOS

Olimpia—Rua dos Condes—Matinée e soirée.

TEATRO VARIEDADES
Telef. N. 4167 **(Parque Mayer)** A's 9 e 10 e 314

SEMPRE em duas sessões

A deslumbrantissima revista

O PÓ D'ARROZ

Numeros repetidos.—Constante agrado — AUGUSTO COSTA no "compère„.—Em papeis de destaque: ANNITA SALAMBÓ e : : : : VASCO SANT'ANNA : : : :
Bilhetes desde escudos 3$50

A's 21 h. e 30 **TRINDADE** Telef. T. 976

Companhia Lucilia-Simões Erico-Braga
HOJE
A peça mais alegre da actualidade
O PATRIOTA
Estreia do "film„ cinematografico português *O Milagre de Fatima.*

Pianos, Orgãos Musicas
JANUARIO NUNES & C.ª (F.ª)
(CASA ESPECIALISADA)
108 — Rua dos Retrozeiros — 110

BRILHANTES PEROLAS

Esmeraldas, safiras e rubis. Joias antigas e modernas. Compra um estrangeiro na rua Aurea, 165, 3.º, D. Tel. C. 822.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA — RUA DO OURO. 18. 24
PORTO — PRAÇA DA LIBERDADE. 28. 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

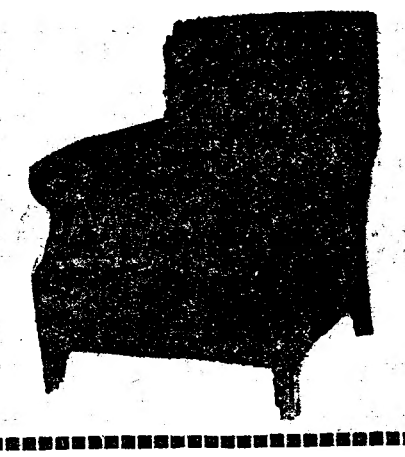
Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082



DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker — Paris
RINS e vias urinarias—Venereologia e sifilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.º ás 15 horas—Telefone 5205 N.

ESTRANGEIRO

DR.ª IZABEL PEREIRA
Doenças uterinas—Com pratica nos hospitais de Paris
CONSULTAS das 2 ás 5
Rua Garrett, 80, 1.º
TELEF. 532-N.

NOTICIAS DE ITALIA

FOI
inaugurado
O SEXTO
congresso nacional
dos mutilados

ROMA, 13

Inaugurou-se hoje o sexto congresso nacional dos mutilados da guerra, discursando o grande mutilado deputado Interretti.

Terminada a sessão organisou-se um imponente cortejo até ao local em que vai ser erguido o monumento da Vitoria.

Pronunciaram patrioticos discursos o marechal Cadorna, o presidente do Senado e o sr. Mussolini, como ministro da Guerra. — (L.)

Mussolini
passa em revista uma esquadra

O presidente Mussolini passou esta manhã revista em Astia, á esquadra de manobras composta de 44 unidades, e comandada pelo almirante Dimoretti.

Terminada a revista, Mussolini pronunciou na ponte do navio-chefe um entusiastico discurso, que oficiais e marinheiros saudaram com vibrantes aclamações. — (L.)

Staline partiu para Vienna, a fim de dirigir a reunião privada dos delegados das secções estrangeiras da Internacional comunista, devendo dirigir-se em seguida a Holanda, a fim de coordenar a acção internacional sindical vermelha, segundo as directivas de Moscou. — (H.)

VENEZA, 13

Foi hoje inaugurada a confereneia internacional para a exploração scientifica do Mediterraneo.

Estão representadas a França, a Inglaterra, a Italia e a Espanha. — (L.)

ESPIRITA

QUEREIS ser feliz em todas as vossas coisas? Consultai sem demora este verdadeiro fenomeno, que só ele vos pode dar a felicidade completa. Para prova da verdade, o pagamento é no fim do trabalho. Pelo correio, 10 escudos para a consulta. Rua do Sol, ao Rato, 215. 3.º

Policlinica
DA
RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—5 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—1 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Bello—3 h.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 h.
Doenças das creanças—Dr. Filipe Manso—12 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha—4 h.
Analises clinicas—D. Gabriela Beato—4 h.

O DIARIO DE LISBOA vende-se no Porto, na casa *A. Dias Pereira*, Praça da Liberdade.

CARTA DO BRASIL

A proxima
VISITA
a Portugal
dos estudantes brasileiros

RIO DE JANEIRO, 21 de junho. — Vão os estudantes brasileiros retribuir a visita que aqui lhes vieram fazer os seus colegas portugueses. A sua partida deve efectuar-se nos primeiros dias de julho proximo e para isso se preparam os moços academicos que constituem a embaixada e que é a "élite„ da mocidade intelectual deste generoso pais irmão.

Na entrevista que tive com esse nosso grande e bravo amigo dr. Diniz Junior, já é bem frisado o alto alcance destas visitas e quais os seus proximos fructos.

E' ainda na redacção da "Noite„ que o acaso nos faz encontrados com o quintanista Ildefonso Mascarenhas, sub-chefe da embaixada academica, presidente do Centro Academico da Faculdade de Direito, redactor da revista da mesma escola e quem saudou os estudantes portugueses no Rio de Janeiro, e que Diniz Junior nos apresenta como um dos organisadores dessa grandiosa embaixada.

Nada mais oportuno do que ouvir o entusiasmado moço que começa por elogiar calorosamente o *Diario de Lisboa*, de que se confessa leitor tão assiduo quanto lh'o permite a sua irregularidade da sua chegada aqui.

A' nossa primeira pregunta sobre a possibilidade da visita da academia brasileira a Portugal, logo Ildefonso Mascarenhas nos responde com um entusiasmo que bem define a sua sinceridade:

—"A nossa viagem a Portugal é mais uma viagem de cohesão e solidariedade de espiritual do que outra coisa. Porque nós julgamos no Brasil que as juventudes irmãs têm as mesmas ancias, os mesmos anhelos morais, as mesmas aspirações politicas, são devotas da mesma fé e crentes do mesmo ideal que é a fraternidade luso-brasileira cada vez mais crescente. No coração dos moços do Brasil vibra o cavalheirismo, a generosidade, a fidalguia pelo épico e glorioso Portugal, que ha de continuar sempre a sua historia grandiosa e heroica.

"O Brasil deseja continuar, como vigoroso adolescente, herdeiro da lingua e da tradição portuguesa; aspira continuar a ser o mantedor da lusitanidade.

— Quanto á viagem dos estudantes portugueses...

—"Os estudantes brasileiros guardam as mais carinhosas recordações dos representantes ilustres da nobre juventude portuguesa, a clavicularia dos sãos principios que nos veiu trazer o ritmo do Portugal hodierno.

—De quantos estudantes se compõe a embaixada?

—De 30, todos da mais alta representação social.

— Que escolas se fazem representar?

—Todas. E não só o Rio estará representado nessa esmbaixada. Estarão tambem os Estados de S. Paulo, Minas, Paraná, Pernambuco e Baia.

—O governo e principalmente o sr. Presidente da Republica, vêem com simpatia a vossa viagem?

—"Mas sem a menor duvida. Esta viagem constitue uma das grandes aspirações do Chefe do Estado, que ainda hoje nos receberá conjuntamente com o seu compatriota, sr. José Domingos Machado, que é outro grande entusiasta desta visita e a quem muito devemos para a sua realização.

—Qual foi a academia que convidou os estudantes brasileiros?

—Tanto aos de Lisboa como aos de Coimbra devemos a gentileza desse convite e sabemos, por telegramas trocados particularmente que se, prepara uma entusiastica recepção.

—"Nem outra coisa seria de esperar, porque nunca os brasileiros deixaram de se sentir, em Portugal, na sua propria patria.

—Do mesmo modo que os senhores não são estrangeiros na nossa casa.

—Disso tenho, eu proprio, as mais eloquentes e irrefutaveis provas...

—Quem chefiará a embaixada?

—O dr. Artur Bernardes, estudante de Direito, filho do sr. Presidente da Republica e seu secretario. Entre os estudantes, contam-se José Domingos Machado, filho dum dos membros mais categorizados da colonia portuguesa e estudante de Medicina; Paulo Serrado, Decio Moura, Pinto da Luz, filho do sr. ministro da Marinha; Fernando de Melo Viana, filho do sr. Presidente do Estado de Minas; João Alves, filho; Americo Augusto Carvalho, Zito Vaz de Melo, sobrinho do sr. Presidente da Republica; Plinio Leite, presidente da Assistencia Beneficente; Miguel Couto, nome de grande prestigio no meio academico; João Lira, filho, uma das mais poderosas inteligencias da moderna geração, critico, jornalista e orador; Roberto Macedo, o mais aplaudido dos oradores da juventude universitaria; Heitor Booghetti Teixeira, Mauro de Freitas, Elvessio Lopes, um dos mais ilustres nomes da classe estudiosa de Direito, a quem chamam o Teixeira de Freitas em miniatura; Vitor do Amaral, filho, presidente do Centro Universitario do Paraná e filho do reitor daquela Universidade; Gois Calmon, estudante de Direito, filho do Presidente do Estado da Bahia, e outros nomes representativos no meio social, academico e intelectual do pais.

—Vão só estudantes?

—Estão tambem convidados os srs. drs. Afranio Peixoto, como professor, e Diniz Junior, como jornalista.

—Acertada a escolha, porque ambos são queridos e admirados em Portugal, onde os intelectuais os receberão como irmãos muito amados. E quando contam partir?

—Nos primeiros dias de Julho. Levaremos a alma do Brasil ao seu velho lar, numa piedosa e enternecedora romagem de afecto.

E, porque se aproximasse a hora da audiencia com o sr. Presidente da Republica, Ildefonso Mascarenhas, com um aperto de mão energico, pede-nos que, por intermedio do *Diario de Lisboa*, saudemos, em seu nome, os estudantes portugueses.

Gastão de Bettencourt

JANOTAS????
Fatos a prestações, fazem-se desde 2600$00, boas fazendas e forros de 1.ª. Aceita fatos a feitio. S. Madeira, Alfaiate. Rua do Mundo, 81, 3.º.

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

A VIAGEM DE CAILLAUX

FOI
assignado
O ACORDO
franco-britanico
sobre as dividas

LONDRES, 13

Caillaux, ministro das Finanças, e Duboin, sub-secretario do Tesouro, almoçaram na embaixada francesa em companhia de Churchill e de Chamberlain, prolongando-se a conversação até bastante depois do almoço, chegando-se a um acordo completo sobre a divida da França á Inglaterra.

A's 19 horas, na Tesouraria, Caillaux e Churchill assinavam o acordo definitivo entre os dois paizes, cujo texto será publicado esta noite.

Caillaux regressará ainda esta manhã a Paris, em avião.—(H.).

Churchill
fala do acordo das dividas

LONDRES, 13

Respondendo na Camara dos Comuns a uma interrogação sobre a assinatura do acordo entre a França e a Inglaterra, Churchill declarou que esperava apresentar ainda hoje, pelas cinco horas da tarde, na Camara, os documentos relativos á divida francesa e á sua liquidação.—(H.)

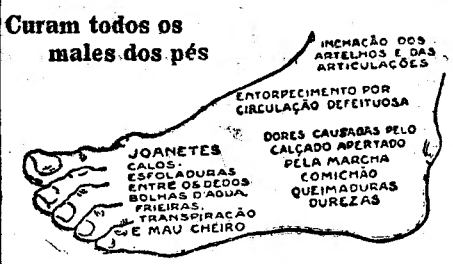
LONDRES, 13

O acordo franco-britanico sobre as dividas de guerra apresenta pagamentos muito mais baixos do que até agora estava estabelecido pelos peritos britanicos.

As anuidades francesas são baseadas e dependentes do pagamento das reparações alemãs.—(L.)

PROVAE A MANTEIGA DE NANDUFE
A' VENDA NA
Praça dos Restauradores, n.º 15

Saes «DERMOXA»
Curam todos os males dos pés



O melhor contra a transpiração

A' venda em todas as Farmacias e Drogarias.
Deposito: MARIO BRANDÃO — Rua Eugenio dos Santos, 99 — Lisboa.
N. B. — Exijam os verdadeiros Sais «Dermoxa» e recusem as imitações, que não têm nenhum valor curativo.
Laboratoires J. Nante, 62, Avenue Gambetta — Paris.

Os chapeus para senhoras
DO
SALÃO AUREO
Batem o récord em elegancia, distinção e preços
246 — RUA DO OURO — 248
NORTE 3818

ULTIMAS NOTICIAS

TAXIS DE S. ROQUE
PEDIDOS a qualquer hora pelo telefone N. 35

O MOMENTO POLITICO

UMA CARTA *dirigida* pelo dr. Vicente Ferreira a Filomeno da Camara sobre circulação fiduciaria

(Continuação da 5.ª pagina)

do imposto de transacção — um dos mais simples e produtivos.

Outros detalhes da obra do sr. Filomeno da Camara:

—Procurei pôr ordem na contabilidade do Estado; fiz o orçamento geral, com a maior honestidade, em harmonia com as receitas e as despezas actuais, que só pódem ser alteradas por leis que não nos deram tempo de fazer e de executar; envidei os maiores esforços para se chegar á consolidação da divida flutuante; habilitava os bancos a fornecerem ao Comercio, á Industria e á Agricultura o dinheiro necessario para se livrarem da sufocação e do abatimento em que se encontram; baixava os juros, inclusivé o dos bilhetes de Tesouro, e, consequentemente, das operações da Caixa Geral dos Depositos; dava ás colonias, principalmente a Angola, os elementos indispensaveis para o seu levantamento. Claro que tudo isto fazia parte dum plano de conjunto que não podia realizar em meia dusia de dias.

E, sorrindo:

—Não consultei o Exercito, nem a Armada; mas estou convencido de que estas medidas estavam dentro do programa do movimento...

Falando ainda a proposito das propostas feitas ao Banco de Portugal, o comandante Filomeno da Camara mostrou-nos uma carta do sr. dr. Vicente Ferreira, em que o Alto Comissario lhe diz:

«Li nos jornais a convocação da assembleia geral do Banco de Portugal, para tratar do novo contracto proposto pelo governo. Presumo que se trata do indispensavel alargamento da circulação fiduciaria. Se assim é, dou a V. Ex.ª os meus parabens, porque esse é um acto de coragem — e se não leva a mal a minha expressão — de bom senso...

... a Provincia de Angola carece do auxilio da Metropole, auxilio temporario, é certo, mas importante...

... Estou convencido de que V. Ex.ª desejará ligar o seu nome ao inicio do novo periodo economico de Angola, que espero realizar, com o auxilio do governo, *e em especial de V. Ex.ª*, de quem tudo depende».

—Foi depois desta carta, e duma conferencia com o sr. dr. Vicente Ferreira e com o sr. ministro das Colonias que se resolveu propôr a emissão de notas para acudir ao problema colonial — disse-nos ainda, á despedida, o sr. Filomeno da Camara.

—Se o governo pedir a sua colaboração, dar-lha-ha?

—Aí está uma hipotese que ainda não me passou pelo espirito...

OS ACONTECIMENTOS

Não teem qualquer fundamento os boatos de alteração da ordem publica

O sr. general Sinel de Cordes entreteve-se hoje, durante largo tempo, com o governador do Banco de Portugal. Motivo da conversa? Presume o leitor qual ele haja sido: o novo contrato a celebrar entre o Estado e o emissor.

Sobre este e sobre varios outros assuntos desejou o *Diario de Lisboa* falar com o ilustre titular da pasta das Finanças.

Não nos poude S. Ex.ª, gentilmente, receber.

Ha um montão de problemas que pelo novo ministro têm de ser resolvidos e que muito bem ficariam como motivo de uma entrevista destinada a elucidar o publico ancioso de boas medidas e de tranquilidade.

Como são encaradas pelo governo as medidas que o sr. Filomeno da Camara preconisava? Como vão ser subvencionadas as Colonias e, especialmente, como vai ser financiada a provincia de Angola? O que ha no capitulo das relações do Estado com o emissor das Colonias? O problema do credito, como o encaram os nossos actuais governantes? Quais os metodos que porão em pratica para atrair capitais e favorecer as iniciativas portuguesas? O sistema tributario vai sofrer alterações? Quais e quantas? E os Tabacos? Mantem-se a *régie*?

O regimen de fiscalisação exercido por conta do Estado junto de estabelecimentos particulares será alterado tambem? Mantem-se o decreto que extingue os vice-governadores por parte do governo junto do B. N. U.? E acerca de bilhetes do Tesouro, o que ha?

Eis um rosario de preguntas cujas respostas muito curioso seria arquivar e serviriam a elucidar, convenientemente, e a marcar directrises, conscientes e inteligentes, no actual momento.

O sr. general Sinel de Cordes, apesar da sua confissão encantadoramente modesta de que de finanças sabe apenas que tem as suas avariadas, deve ter já presentes no seu espirito essas respostas.

Oxalá elas possam, rapidamente, ser trazidas para a letra redonda. Isso só servirá para contentamento e satisfação de todos nós.

As tropas de Sacavem e de Queluz

Os contingentes da 8.ª divisão do Exercito, compostos do 8.º grupo de metralhadoras, regimentos de cavalaria 11 e infantaria 3, 8, 20 e 29, que se encontravam acampados em Queluz a quando do movimento de 28 de maio, embarcaram hoje em dois comboios especiais que partiram do Cacem ás 15 horas.

As tropas da 7.ª divisão do Exercito, que se encontram acampadas em Sacavem só partirão no fim da proxima semana se houver facilidade em conseguir da C. P. o material necessario para formar os comboios especiais que as devem conduzir para as sédes das suas unidades.

As tropas da 8.ª divisão devem chegar a Campanhã, amanhã, ás 5 da madrugada.

* * *

Os boateiros continuam na sua tarefa, procurando alarmar o espirito publico com noticias falsas.

Nas estações oficiais garantem-nos que não têm fundamento as noticias que correm em Lisboa sobre uma possivel sublevação de tropas no norte.

Segundo noticias recebidas no Ministerio da Marinha, o "Carvalho Araujo„ segue viagem com rumo aos Açores.

* * *

O governo de Angola propoz ao governo da metropole, para ser publicada uma lei que facilite a constituição de uma ou mais companhias colonisadoras com garantias de juro a cargo da colonia.

O CRIME da calçada de Santana

Ainda não foi entregue á P. I. C. a participação do crime que ontem se deu na calçada de Santana, em que José Pires tentou assassinar sua esposa, Rosa Craveiro Pires, sobre a qual desfechou tres tiros de pistola.

Para os pobres

Recebemos, do sr. José Ferreira de Azevedo Amado, 5$00 para os nossos pobres.

—De Rosa da Fonseca Araujo, presa no calabouço n.º 7, recebemos 5$00, com igual destino.

Recital Albertina Sagner

Em virtude dos ultimos acontecimentos e de já estarem retirando para fóra muitas familas convidadas, fica adiado para novembro o recital da joven pianista Albertina Saguer.

AGUA DE CASTELO DE VIDE
a mais excelente bebida como refresco ou com vinho ás refeições.

PEDEM-SE SOCORROS

UMA TROMBA *de agua* que destruiu as colheitas lançando na miseria a população de uma aldeia

Ha dias, na povoação de Algoso, em Traz-os-Montes, caiu uma tromba de agua que destruiu completamente as colheitas, lançando na miseria a população.

As searas ficaram inutilisadas e os campos oferecem um aspecto desolador.

A violencia da catastrofe foi de tal ordem, que em muitos sitios mudou o aspecto da paisagem e a terra foi arrastada para longe, deixando a descoberto uma camada de pedregulhos, onde o lavrador não poderá, de futuro, semear um grão de trigo.

As arvores sofreram tambem a furia do vendaval, que arrancou oliveiras e amendoeiras, transformando campos ferteis e arborisados num montão de ruinas, onde o granizo e a agua semearam desolação e miseria.

A colheita de azeite está completamente perdida, porque o temporal destruiu a flôr das oliveiras. Tambem não haverá amendoas, que é uma das grandes riquezas da região, porque o fruto foi devastado pela chuva. Perderam-se as sementeiras de batatas e as vinhas não darão este ano um litro de mosto, vendo-se apenas as cepas nuas, sem flôr e sem folhas.

E' um espectaculo doloroso, que enche de lagrimas os olhos do lavrador, impotente contra a furia dos elementos. A miseria bateu á porta de muitos lares e quem passa na rua ouve gritos de angustia que se elevam dos casais humildes, num côro arripiante de tragedia.

O governo tomou já conhecimento duma representação que lhe foi dirigida, no sentido de prestar socorros imediatos a essa pobre gente. Chamamos para o caso a atenção do sr. ministro da Agricultura, que póde valer neste momento á miseria que assolou a povoação de Algoso, em Traz-os-Montes.

Os sinistrados pedem igualmente ao sr. ministro das Finanças que lhes sejam anuladas as contribuições, o que remedeia em parte a sua situação angustiosa.

Esperamos que o nosso apêlo encontre eco no Terreiro do Paço e as providencias não se façam esperar, como é de justiça.

Algoso—povoação situada na margem direita do rio Sabor. Concelho de Vimioso. Distrito de Bragança. Cêrca de 1.000 habitantes. Castelo medieval, em ruinas. Vive da agricultura. Pouco comercio. Nenhuma industria. A sua fundação remonta á epoca da dominação arabe na Peninsula.

O melhor café é o d'«A Brazileira»—LISBOA

Para maior quilometragem empregue pneus "GOODYEAR„

A' VENDA EM TODAS AS GARAGES